Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v37i144.452
ESTUDOS BÍBLICOS

"A ele ouvi":

a cena da transfiguração em Mc 9,2-8 numa perspectiva apocalíptica

"Listen to him":
the scene of Transfiguration in Mk 9,2-8 in apocalyptical approaching

Marcelo da Silva Carneiro*

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor na Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, Brasil.

pastor.carneiro@gmail.com

Recebido em: 13/12/2021

Aprovado em: 18/12/2021

Licença *Creative Commons* CC BY 4.0

Resumo

O texto de Mc 9,2-8 narra a transfiguração de Jesus diante de três de seus discípulos, numa cena em que ele se encontra com Moisés e Elias, e ao fim se ouve uma voz na nuvem que os cobre anunciando-o como Filho de Deus. Essa narrativa em geral é retratada como uma epifania, em que a natureza divina de Jesus é revelada, ou como apoteose, onde se trata de uma antecipação da glória divina que ele irá herdar com a ressurreição. Porém, mediante uma aproximação ao texto considerando como gênero apocalíptico, percebe-se que o relato tem outras implicações. Esse artigo tem, então, como objetivo interpretar Mc 9,2-8 numa perspectiva apocalíptica, buscando o contexto de leitura ao qual os ouvintes originais estavam, com o fim de entender as crenças e percepções que estão no horizonte da narrativa. Neste sentido, o relato da transfiguração nos possibilita reproduzir a vivência religiosa e crenças das comunidades cristãs iniciais, o que pode ser um fator de compreensão e esclarecimento para a realidade das experiências religiosas latino-americanas.

Palavras-chave: Evangelho de Marcos. Apocalíptica. Transfiguração. Visão. Filho de Deus.

Abstract

The text of Mk 9,2-8 narrates the Transfiguration of Jesus before three of his disciples, in a scene in which he meets Moses and Elijah, and at the end a voice is heard in the cloud that covers them, proclaiming him as the Son of God. This narrative is generally portrayed as an epiphany, in which the divine nature of Jesus is revealed, or as apotheosis, where it is an anticipation of the divine glory that he will inherit with the resurrection. However, through an approximation to the text considering it as apocalyptic gender, it is perceived that the narrative has other implications. This article aims, then, to interpret Mk 9,2-8 from an apocalyptic perspective, seeking the reading context to which the original listeners were, in order to understand the beliefs and perceptions that are on the horizon of the narrative. In this sense, the narrative of the

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

Transfiguration enables us to reproduce the religious experience and beliefs of the early Christian communities, which can be a factor of understanding and clarification for the reality of Latin American religious experiences.

Keywords: Gospel of Mark. Apocalyptic. Transfiguration. Vision. Son of God.

1 Introdução: a apocalíptica e o Cristianismo Primitivo

Neste artigo iremos abordar Mc 9,2-8, o relato sobre a transfiguração, como uma narrativa apocalíptica da trajetória de Jesus. Esse trecho é, muitas vezes, negligenciado pela teologia bíblica e a exegese crítica, porque enxerga nele apenas o aspecto lendário e pós-pascal a respeito de Jesus. Grandes obras, como a *Teologia do Novo Testamento*, de Joachim Jeremias (2004), ou mesmo obras tanto mais conservadoras como *Teologia do Novo Testamento*, de George Eldon Ladd (1999), ignoram esse trecho. Para nós, porém, é importante entender a centralidade desse tipo de narrativa e seu papel na obra evangélica, pois tem uma mensagem embutida nela. Em nossa abordagem, tomamos o texto a partir de um cenário apocalíptico.

Os estudos em textos canônicos e extracanônicos judaicos e cristãos identificaram diversos gêneros literários. Eles servem como uma espécie de bússola para a leitura: conhecendo o gênero e o que ele pretende transmitir, é possível ler praticamente qualquer livro do mesmo gênero com mais segurança. Evidente que isso não significa que todos os significados estão pré-definidos, mas serve como uma primeira aproximação ao texto. É o que se percebe quando comparamos o livro de Daniel, do Antigo Testamento, com o Livro de Enoque, obra extracanônica, e o Apocalipse de João, no Novo Testamento. São muito próximos em vários pontos, mas diferentes em outros.

Por outro lado, alguns materiais guardam em si uma diversidade de gêneros, não se atendo ao gênero específico que pretendem demonstrar. O próprio Livro de Enoque é repleto de outras camadas literárias, e trafega por outros gêneros livremente. O mesmo acontece com os evangelhos canônicos, que expressam uma bricolagem de gêneros, atestada nos estudos do campo, por exemplo, por Klaus Berger (2011), ao discutir os diferentes gêneros no Novo Testamento.

Do ponto de vista de fenômeno social, os evangelhos expressam diferentes vozes, testemunhos e vivências de homens, mulheres e crianças em torno da figura ativa e carismática de Jesus de Nazaré. Ao colocar por escrito esses ricos materiais da tradição comunitária, os evangelistas, escribas versados no reino dos céus (Mt 13,2), mantiveram tais formas diferentes, e não procuraram padronizar tudo em termos de um gênero só. É por isso que, no mesmo livro, temos histórias de milagres, ao lado de narrativas de controvérsia, e séries de ensinamentos que remetem ao mundo da sabedoria proverbial do Antigo Israel. E em alguns momentos a apocalíptica se sobressai na narrativa, indicando que também essa forma de descrever a realidade estava presente na cultura daquelas comunidades, conforme veremos mais abaixo.

A apocalíptica é uma forma de narrar o mundo. Tem sua origem em movimentos populares, como atesta Pablo Richard: "Os livros de Daniel e Apocalipse [...] são os extremos visíveis de um horizonte histórico de três séculos, onde se deu o movimento apocalíptico popular quase ininterrupto que se expressou numa abundante literatura

apocalíptica histórica apócrifa" (RICHARD, 1999, p. 27). Estão presentes nesse material características centrais, tais como, dentre outros motivos:[1]

- Ser uma literatura de revelação, em que Deus, muitas vezes por meio de um intermediário, anuncia coisas que irão acontecer ou palavras inefáveis a alguém específico;
- Narrar viagens celestiais e transformação de homens[2] que tiveram contato direto com a visão da glória divina;
- Anúncio de julgamento e destruição dos perversos, com a salvação do povo fiel;
- Transformação cósmica, envolvendo toda a criação, numa mudança radical de eras;
- Visão de recompensa pós-morte para os justos, seja pela ressurreição ou outras formas de existência;
- Alguns são escritos em tempo de perseguição e servem como forma de alimentar a esperança. Outros, procuram alimentar a perseverança contra o mundo mau, mesmo sem perseguição clara.

Ou seja, na sua forma própria de falar da história, a apocalíptica elabora uma narrativa que, ao mesmo tempo, explica os fatos presentes e prenuncia acontecimentos futuros, naquilo que se pode chamar de escatologia apocalíptica (COLLINS, 2010).

O Evangelho de Marcos está totalmente contextualizado com essa forma de literatura, inclusive contendo uma dimensão apocalíptica bastante aceita. Guy Bonneau afirma: "O infortúnio que pode ter acometido a comunidade de Marcos, um grupo de cristãos à margem da sociedade, foi interpretado pelo autor do Evangelho como um motivo sério, necessitando de um recurso à tradição apocalíptica" (BONNEAU, 2003, p. 104). O infortúnio a que Bonneau se refere é a grande revolta judaica de 66 d.C., que trouxe muita desgraça para os judeus, sejam eles seguidores de Jesus ou não. Como bem explica Ivoni Reimer (2009) o evangelho foi elaborado em meio a uma comunidade de pessoas excluídas, das margens, com o intuito de levar uma mensagem de esperança para fortalecer a fé das comunidades em meio à crise da guerra, à violência, às perseguições e firmar uma comunidade coerente com os ensinos do mestre e Senhor Jesus.

Neste artigo, a partir desta concepção de apocalíptica e da ideia do Evangelho de Marcos dialogando com essa perspectiva de mundo, iremos analisar Mc 9,2-8, o relato mais antigo da transfiguração, procurando entender o que ele transmitia para as comunidades receptoras do texto no tempo em que foi escrito e pensando nas implicações para o nosso tempo.

2 Mc 9,2-8 em sua dimensão narrativa

Antes de tratar da interpretação do texto de acordo com critérios apocalípticos, é importante trazer aqui uma breve análise da estrutura narrativa da perícope. A transfiguração ocorre em um momento de transição na narrativa marcana. Após várias curas, milagres e alertas sobre os fariseus nas passagens de 7,1 a 8,26, Jesus pergunta aos discípulos

[1] Seguimos aqui a tipologia de John Collins (2010, p. 26).

[2] Não há nenhum texto apocalíptico do período do Segundo Templo que tenha uma mulher como protagonista. Sempre são homens, sejam patriarcas, Moisés ou um dos profetas. Essa lacuna ainda não foi devidamente analisada.

sobre sua identidade (8,27), talvez procurando perceber se eles já tinham a noção de sua messianidade. Pedro responde que ele é o Cristo, o Messias, após o que o texto mostra Jesus predizendo a morte e ressurreição do Filho do Homem, designação que ele usa para si mesmo. Ali também confronta Pedro, que tenta impedi-lo de viver essas situações (8,31-33). Logo após, ele fala da cruz que cada discípulo [e discípula] deverá carregar, terminando com a expressão: "Verdadeiramente afirmo a vocês que, dos que estão aqui, alguns não provarão a morte sem antes verem a chegada com poder do reino de Deus"[3] (9,1). E o narrador informa então que a transfiguração ocorreu seis dias depois dessas palavras, como forma de introduzir o episódio.

Na outra ponta, após a perícope de 9,2-8, a narrativa avança para a demonstração do poder messiânico de Jesus contra um espírito que os seus discípulos não conseguiram expulsar de um menino (9,9-29). Após esse momento, Jesus repete a predição da morte e ressurreição do Filho do Homem. Assim, podemos ter a morte e ressurreição do Filho do Homem como moldura que abre e fecha o relato da transfiguração (9,30-32).

Sobre a narrativa em si, ao contrário do que se deveria fazer numa análise narrativa padrão, não separamos narrador e personagens, porque a estrutura narrativa desse trecho traz outras complexidades: o narrador fala pelos personagens; as cenas são entrecortadas por diferentes situações. Por isso, pensamos numa estrutura linear, com diversos desdobramentos, até chegar ao clímax no fim. O texto é, então, organizado da seguinte forma:

v. 2a – O narrador indica que se passaram seis dias desde o episódio anterior. Jesus, Pedro, Tiago e João sobem a um monte. São os discípulos mais íntimos, a quem é permitido ver e ouvir coisas mais profundas.
vv. 2b-3 – A transfiguração (*metemorphṓthē*). Jesus experiencia um *angelomorfismo*. Manifesta com roupas brilhantes.
v. 4 – Aparição de Moisés e Elias, que conversam com Jesus. O assunto não é revelado.
v. 5 – Pedro sugere a construção de tendas para os três, como tentativa de resposta ao colóquio dos três e de perenizar a experiência metamórfica.
v. 6 – O narrador comenta a sugestão, afirmando que Pedro estava sem saber o que dizer.
v. 7 – Uma voz vem da nuvem e afirma que Jesus é o seu filho amado. Ordena para ouvirem a Jesus.
v. 8 – Jesus e os discípulos ficam sozinhos, fechando o episódio.

A seguir, o texto traduzido e organizado a partir dessa estrutura:

2a E, depois de seis dias, Jesus chamou a Pedro, Tiago e João, e os levou sozinhos para um determinado monte alto.
2b-3 Então foi transfigurado diante deles, e as suas vestes se tornaram brilhantes, muito brancas, tais como nenhum lavandeiro em lugar nenhuma da terra conseguiria branquear.
4 E apareceu a eles Elias junto com Moisés, e falavam com Jesus.
5 E respondendo Pedro, disse a Jesus: "Rabi, bom é estarmos nós aqui; façamos três tendas, uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias."

[3] Todos as citações bíblicas são resultado de tradução própria a partir de Nestle *et al.* (2012) e Scholz (2004), a não ser nos casos em que a versão seja indicada.

6 Pois não sabia o que responder, porque tinham ficado apavorados.
7 Então apareceu uma nuvem cobrindo-os, e veio uma voz de dentro da nuvem: "Este é o meu filho amado, a ele ouvi."
8 E, de repente, olhando em volta, não viram mais a ninguém, porém somente Jesus com eles.

Sobre a parte narrativa, vamos comentar alguns aspectos: o verbo *egéneto* aparece três vezes neste trecho, num momento importante da obra, quase encerrando a primeira parte do Evangelho. A primeira se dá em 9,3, em que descreve a transformação das vestes de Jesus no monte (e as vestes dele "se tornaram" brilhantes). A segunda ocorrência se dá no v.7 (duas vezes), referindo-se à teofania no monte – com a mesma expressão do relato do batismo de Jesus em 1,11, quase como um *doublé* das narrativas. Na primeira, fala da nuvem (e "apareceu" uma nuvem) e na segunda da voz (e "veio" uma voz da nuvem). Esse é um verbo importante em Marcos, que mostra o ministério de Jesus como uma aparição na história, assim como a chegada do reino de Deus. Abaixo a indicação de *egéneto* nos textos indicados:

2b-3 Então foi transfigurado perante eles, e as vestes dele *se tornaram* [*egéneto*] brilhantes, muito brancas, tais como nenhum lavandeiro em lugar nenhuma da terra conseguiria branquear.
7 Então *apareceu* [*egéneto*] uma nuvem cobrindo-os, e *veio* [*egéneto*] uma voz de dentro da nuvem: "Este é o meu filho amado, a ele ouvi."

A forma como a narrativa é construída mobiliza o leitor/ouvinte a desejar saber melhor o que está acontecendo. Neste sentido, Pedro e os outros discípulos são a expressão de quem ouve, são porta-vozes da comunidade que teve acesso a essa narrativa, e devem ter ficado com várias questões sem resposta: o que os três seres celestiais conversavam? Por que não podiam ficar ali mais tempo? Por que Jesus falou de ressurreição dos mortos? Qual a relação de Elias com Jesus?

Outro aspecto a ser destacado na perícope, da perspectiva narrativa, é o jogo de títulos cristológicos que estão presentes ali. A voz não se identifica claramente, do mesmo modo que ocorreu no relato do batismo (1,11). Porém, o leitor atento entende tratar-se de Deus. Nestes dois momentos, essa voz denomina Jesus de Filho dele. Mas, no Evangelho de Marcos, Jesus é tratado como Filho do Homem 14 vezes, inclusive no trecho que estamos analisando. A expressão Filho de Deus só vai aparecer em 15,39, na boca de um centurião (!) romano.[4] Assim, é importante perceber que Deus é quem afirma que Jesus tem filiação divina, nunca os discípulos que andavam com ele.

Segundo o relato, apenas três discípulos tiveram acesso ao evento, convidados pelo próprio Jesus – Pedro, Tiago e João –; o relato também mostra Jesus se encontrando com Moisés e Elias, duas figuras muito importantes na tradição popular, muitas vezes pensadas no prisma de suas aparições canônicas. Porém, será que teria alguma relação com a apocalíptica? É o que veremos posteriormente.

[4] A indicação "Filho de Deus" em Mc 1,1 já foi identificada como um acréscimo em manuscritos mais recentes. Os manuscritos mais antigos iniciam da seguinte forma: "Início do evangelho de Jesus Cristo". Aqui estamos assumindo que essa era a forma original do prólogo de Marcos.

3 Comparando Mc 9,2-8 com os outros evangelhos

Essa narrativa aparece em Marcos, Mateus e Lucas, que acolheram tradições similares sobre Jesus. Aqui trabalhamos com a perspectiva de memória coletiva nos evangelhos, em vez de dependência literária e atividade redacional escrita.[5]

Quando falamos que os evangelhos acolheram as memórias comunitárias sobre Jesus, devemos pensar que essas tradições foram declamadas, repetidas semana após semana, gerando releituras e versões diferentes em pontos não essenciais das narrativas, até que surgissem os primeiros escritos que as registraram. Mas, naquele mundo afro-oriental da oralidade, colocar por escrito não significava a estagnação ou enrijecimento da memória. Assim, o fato de os evangelhos terem surgido como texto escrito não significou o fim da tradição oral, com sua diversidade. E isso é evidenciado na comparação que podemos fazer dos textos. Neste sentido, ao olhar para a perícope de Mc 9,2-8 poderemos perceber a riqueza das tradições em torno de Jesus, o que acrescenta na compreensão do texto.

Sendo assim, vale comparar o texto de Marcos com os de Mateus e Lucas, para perceber os elementos essenciais guardados pelas tradições registradas nos evangelhos.

Quadro 1 – Comparação sinótica.

Mateus 17,1-8	**Marcos 9,1-8**	**Lucas 9,28-36**
1 E, depois de seis dias, Jesus chamou a Pedro, Tiago e seu irmão João, e os levou para um determinado monte alto.	2a E, depois de seis dias, Jesus chamou a Pedro, Tiago e João, e os levou sozinhos para um determinado monte alto.	28 E sucedeu que oito dias depois destas palavras, chamando consigo a Pedro, Tiago e João, subiu para o monte para orar.
2 Então foi transfigurado diante deles, e seu rosto brilhou como o sol, e sua roupa se tornou branca como a luz.	2b-3 Então foi transfigurado diante deles, e a sua roupa se tornou brilhante, muito branca, tal como nenhum lavandeiro em lugar nenhuma da terra conseguiria branquear.	29 E aconteceu que ao orar, a aparência do rosto dele mudou e sua roupa ficou branca resplandecente.
3 E eis que apareceu diante deles Moisés e Elias, conversando com ele.	4 E apareceu a eles Elias junto com Moisés, e estavam conversando com Jesus.	30 E eis que dois homens conversavam com ele, os quais eram Moisés e Elias, 31 que tendo aparecido em glória, falavam sobre a partida dele. 32 Mas, Pedro e os que estavam com ele estavam exaustos; mas tendo despertado viram a glória dele e dos homens presentes com ele.
4 Então Pedro, respondendo, disse a Jesus: "*Senhor* [*kýrie*], é bom estarmos aqui; se desejares, farei aqui três tendas, uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias."	5 E respondendo Pedro, disse a Jesus: "*Rabi* [*rabbí*], é bom estarmos aqui; façamos três tendas, uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias."	33 E aconteceu que ao se afastarem dele, Pedro disse a Jesus: "*Mestre* [*epistáta*], é bom estarmos aqui; façamos três tendas, uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias." Porém, não sabia o que dizia.

[5] Para entender a diferença de abordagem, ver Carneiro (2019, p. 340-355).

5 Ele ainda estava falando, quando uma nuvem luminosa os encobriu, e eis uma voz disse de dentro da nuvem: "Este é o meu filho *amado*, em quem me alegro; a ele ouvi." 6 Ouvindo os discípulos, ficaram com muito medo, e se deitaram com o rosto no chão. 7 E aproximando-se Jesus, tocou neles e disse: "Levantem-se e não temam." 8 Então, tendo erguido os olhos, a ninguém viram, senão somente ao próprio Jesus.	6 Pois não sabia o que responder, porque tinham ficado apavorados. 7 Então apareceu uma nuvem cobrindo-os, e veio uma voz de dentro da nuvem: "Este é o meu filho *amado*, a ele ouvi." 8 E, de repente, olhando em volta, não viram mais a ninguém, porém somente Jesus com eles.	34 E dizendo estas coisas, apareceu uma nuvem e os cobria; e ficaram com medo ao entrar na nuvem. 35 E uma voz disse da nuvem: "Este é o meu Filho *escolhido*, a ele ouvi." 36 Tendo ouvido essa voz. Jesus ficou sozinho. Eles calaram e não falaram nada sobre o que viram naqueles dias.

Fonte: o autor (2021).

Ao comparar os textos vemos algumas diferenças marcantes:

- Em Marcos, a roupa de Jesus se torna brilhante; Mt/Lc: além da roupa, o rosto resplandecia como o sol (Mt 17,2; Lc 9,29).
- Depois, ao chamar Jesus, Pedro usa Rabi (em grego, *rabbí*) em Marcos, Senhor (em grego, *kýrie*) em Mateus, e Mestre (em grego, *epistáta*) em Lucas (termo usado exclusivamente por ele), os textos mostram diferentes tratamentos a Jesus, cada um informando aquilo que provavelmente atende melhor sua comunidade.
- A voz da nuvem chama Jesus de Filho amado em Marcos e Mateus, mas em Lucas de Filho escolhido.
- No fim da narrativa, em Marcos o narrador informa que os discípulos estão com medo, sem determinar por qual motivo especial (Mc 9,6). Já Mateus e Lucas mostram que os discípulos ficam com medo e assustados com a aparição da nuvem, indicando a presença de Deus. Em Mateus chegam a se prostrar, ação típica de quem presencia uma teofania (Mt 17,6), em Lucas se assustam (Lc 9,34).

Mas, o que nos interessa aqui, mais que as diferenças, são as semelhanças, que mostram aspectos centrais da memória que não foram alteradas, indicando o núcleo central da narrativa. Dentre elas destacamos:

- Jesus vai a um monte alto acompanhado apenas de Pedro, Tiago e João.
- Há uma transformação de Jesus diante dos olhos dos discípulos.
- Moisés e Elias aparecem e conversam com Jesus, mas o assunto da conversa não é descrito.
- Pedro propõe fazer uma tenda para cada um, e assim permanecerem no monte.
- Após ele dizer isso, uma nuvem cobre a todos, e dela sai uma voz que declara Jesus como seu Filho (mesmo com as diferenças do adjetivo posterior).
- Após a voz afirmar isso, a nuvem com Moisés e Elias some, e Jesus fica sozinho com seus discípulos.

A partir desses elementos iremos analisar as interpretações a respeito da perícope, mas apresentando visões tradicionais não apocalípticas a seu respeito.

4 Interpretações tradicionais de Mc 9,2-8

De acordo com as interpretações correntes a respeito da transfiguração, é possível pensar a narrativa em duas perspectivas: de uma *epifania*, ou seja, a revelação da natureza divina preexistente de Jesus aos discípulos, ou como *apoteose*, ou seja, a *antecipação da glória divina* que ele iria possuir, por meio da ressurreição, ou ainda numa relação de paralelo com a experiência de Moisés no Sinai e de Elias no Horebe. Vejamos alguns autores que seguem essas interpretações e suas variantes.[6]

Em relação à epifania considera-se que o evento no monte foi uma manifestação da natureza divina preexistente de Jesus. O início, em que se fala de "seis dias depois" indica, inclusive, que o evento é a realização da palavra de Jesus em 8,38 (quando o Filho do Homem vier em sua glória, com os santos anjos), ou ainda da confissão de Pedro sobre Jesus. Essa interpretação é antiga, como se pode atestar no comentário da *The New Interpreter's Bible*, Vol. 7, elaborado por Frederick C. Grant (1951). No comentário da *Bíblia de Genebra* (1999, p. 1162) sobre a transfiguração, o autor afirma que "a transfiguração foi uma revelação da divindade de Jesus". Essa posição é aceita também por Stephen S. Short (2008), que se preocupa mais com o aspecto histórico do evento.

Para Delbert Burkett (2019), tratar dessa narrativa como epifania, do ponto de vista formal, tem alguns problemas. Primeiro, porque considera que a narrativa de Marcos teria uma cristologia similar ao do Evangelho de João, coisa que a pesquisa já demonstrou ser bem diferente; segundo, porque na narrativa da transfiguração falta um elemento essencial na epifania: o reconhecimento. No caso, o reconhecimento da natureza divina de Jesus pelas testemunhas do evento, algo que não chega a ficar claro; terceiro, ao comparar o relato da transfiguração com a de Moisés no Sinai – um paralelo feito por muitos autores, como veremos a seguir – força o texto não para uma epifania, mas para a experiência de um ser humano tomado por Deus.

Pensando na interpretação da transfiguração como apoteose, serve como uma releitura de Marcos para a ressurreição. Para Crossan (1994), que trabalha o texto numa perspectiva estritamente histórica, a transfiguração seria uma forma de compensar uma narrativa de manifestação do ressuscitado perante os discípulos, já que o relato original do capítulo 16 praticamente não relata o evento. Crossan comenta a presença dos seres celestiais de forma bastante superficial. David Flusser, por sua vez, coloca a questão de outra forma:

> O Novo Testamento relaciona a morte de Jesus com sua messianidade, mas parece que o próprio Jesus associava sua tragédia com sua filiação divina.

[6] Muitos livros de Teologia do NT, bem como comentários a Marcos ignoram a Transfiguração, por levar em consideração a interpretação feita durante décadas pelos MHC de que seria uma narrativa lendária, construída pelo evangelista Marcos, como se pode verificar na próxima nota. Além de Jeremias e Ladd, já citados, podemos indicar as obras de Leonhard Goppelt (2003), Gerhard Lohfink (2015), Gunther Bornkamm (2005), e ainda de forma mais evidente em obras com abordagem da pesquisa do Jesus Histórico. O volume Dois, Livro Três da coleção *Um Judeu Marginal*, de John P. Meier (1998), o maior da coleção, simplesmente pula o relato da transfiguração.

> Ademais, tanto a ideia de filiação como a da morte estavam ligadas, em sua mente, à tarefa profética. Estes elos foram, evidentemente, expressados pela voz celestial na Transfiguração. 'Este é meu Filho único (ou: amado), ouvi-o!' (FLUSSER, 2002, p. 105)

Bultmann (2004), por sua vez, entendia, na primeira metade do século XX, que esse relato está associado a outros que têm o foco no reconhecimento de Jesus como Messias, e seriam todos relatos lendários pós-pascais, ou seja, após a ressurreição.[7] Em todos esses casos, o que está em pauta é a relação do relato da transfiguração com a ressurreição, algo como uma antecipação. Curiosamente, o mesmo comentário da *Bíblia de Genebra* conclui que o relato antecipa a glória futura, indicando que é uma interpretação intercambiável.

Ainda uma terceira percepção é comum nas interpretações do texto. Muitos autores veem no relato da transfiguração um paralelo com tradições importantes do Antigo Israel: a experiência de Moisés no monte Sinai e a de Elias no monte Horebe. Não à toa, o evento se deu no alto de um monte, que alguns tentaram identificar historicamente[8], com a aparição das duas figuras celestiais.

Percebe-se essa tendência em Isidoro Mazzarolo (2004, p. 192), que enxerga a narrativa como "evento pedagógico para confirmar a fé de Pedro". Para Mazzarolo, Moisés aparece por representar a legislação, e Elias o profetismo escatológico. Segundo ele, "Esta conversa indica que Moisés e Elias não estão mortos, que a história está viva e que há uma ligação entre o passado e o presente" (MAZZAROLO, 2004, p. 193). Essa ideia é compartilhada pelo comentarista de Marcos na *Bíblia de Jerusalém*. Ele afirma: "A 'alta montanha' onde Cristo se 'transfigura' (v. 2), evoca o Sinai, onde Moisés encontrou Deus e daí desceu, o rosto iluminado pela glória divina." (2016, p. 1772).

O que ocorre nestas interpretações é uma análise do texto a partir do critério de historicidade. Nenhum deles, de fato, considera a possibilidade de ter ocorrido tal evento. Por isso, as interpretações partem da premissa de que o texto foi uma lenda criada pelos evangelistas, com fins cristológicos, seja para trazer à tona a natureza divina de Jesus, seja como antecipação da ressurreição, para mostrar à audiência que ele é, de fato, o messias escatológico. A perspectiva apocalíptica parte de outra premissa: a possibilidade de ter ocorrido um evento visionário com Jesus e os três discípulos. Vejamos como se dá essa abordagem.

5 Mc 9,2-8 numa perspectiva apocalíptica

A primeira questão para pensar a transfiguração numa perspectiva apocalíptica é entender que ela faz parte de um conjunto de experiências e vivências comuns àqueles

[7] Bultmann afirma: "[...] é igualmente possível que a fé na messianidade e Jesus se tivesse desenvolvido juntamente com e a partir da fé em sua ressurreição. A cena da *confissão messiânica de Pedro* (Mc 8,27-30) não oferece contraprova – pelo contrário! Pois trata-se de uma narrativa de Páscoa retroprojetada por Marcos na vida de Jesus, exatamente como história da *transfiguração* (Mc 9,2-8)" (BULTMANN, 2004, p. 66).

[8] Stephen S. Short aponta várias possibilidades para o lugar do evento: o monte Tabor, que ele considera menos provável; o monte Hermon, também com alguns problemas, e aponta a possibilidade de o evento ter acontecido em "Jebel Jemarq, ao norte de Merom, no norte da Palestina" (SHORT, 2008, p. 1618).

grupos iniciais do Cristianismo, que viviam uma religiosidade popular onde a visão e o sonho eram importantes elementos da construção de sentido do mundo. A ideia de sonhos e visões como parte do mundo sociorreligioso está ligada à própria tradição bíblica, começando pelo Gênesis. Jacó, Abraão, José, além de Sara, tiveram diversas experiências visionárias ou oníricas (NOGUEIRA, 2005). E há muito mais relatos, em geral tratados como mitológicos ou legendários pelos especialistas. O que eles não levam em consideração é que, para aqueles/as ouvintes, essas experiências não só eram reais, como também buscavam vivenciar algo similar ao narrado, ou pelo menos, estavam abertas a isso, como ocorre no mundo pentecostal latino-americano. Não é à toa que o profeta afirma: "seus filhos e suas filhas profetizarão; seus idosos sonharão; seus jovens terão visões." (Jl 2,28). Esse texto costuma ser lido de maneira metafórica, mas o autor está tratando experiências visionárias concretas.

Assim, para interpretar esse tipo de texto, é necessário superar a leitura formal e racionalista que gerou interpretações como as demonstradas acima. Como afirma Christopher C. Rowland: "No modo visionário, a experiência humana vai além daquilo que é aparente à percepção física, abrindo percepções de outras dimensões de existência e outras perspectivas a respeito da vida cotidiana, o que uma aproximação meramente analítica ou racional perderia." (ROWLAND *apud* NOGUEIRA, 2005, p. 55). Por isso, é preciso entender que o mundo apocalíptico do texto é resultado de uma popularização das tradições. Os paralelismos, as referências da tradição israelita e suas releituras, o milagroso e o extraordinário, são partes fundantes da experiência que gera esses textos. Mesmo não sendo uma composição fiel dos fatos[9], trazem em si o sabor das vivências comunitárias em torno da fé em um Deus que se manifesta de maneira viva entre elas. É a partir dessa ideia que vamos analisar alguns aspectos do texto.

5.1 O monte como lugar de teofania

A experiência de Jesus e os discípulos não se dá em qualquer lugar, mas em um monte. Seja ele qual for, a tradição literária do monte como espaço de visão e experiência com Deus é muito rica, tanto no Pentateuco como nos Profetas: Abraão levou Isaque a um monte para entregá-lo, de acordo com a ordenança divina (Gn 22); Moisés recebeu a Torá em um monte (Êx 19); Elias subiu a um monte para ouvir a Deus (1Rs 19). Esses relatos poderosos devem ter gerado um impacto muito grande nas comunidades judaicas, e consequentemente, nos grupos seguidores de Jesus.

Por outro lado, é importante lembrar que alguns nomes de Deus no Antigo Testamento estão relacionados ao monte, como El Shaddai, que alguns entendem significar "Deus do monte/ da montanha". Em geral, os templos dedicados a Javé no Antigo Israel eram construídos em cidades edificadas no alto do monte, como Garizim e Jerusalém. Isso teve repercussões nos Salmos, que associam o monte ao lugar da morada divina, conforme, por exemplo, o Salmo 15,1: "Quem, Javé, habitará na tua tenda? Quem poderá viver no teu santo Monte?". Com isso, levar Jesus a um monte para ali ter sua experiência de transfiguração era não só esperado, como provavelmente eco de uma memória de

[9] Independentemente da historicidade do fato narrado, consideramos aqui a importância da experiência relatada. Considerando nosso ponto de vista contemporâneo, podemos nos apoiar na abordagem Bruce J. Malina e Richard L. Rohrbaugh (2017), que entendem que esse relato faz parte de um cenário de leitura que envolve o estado alterado de consciência.

acontecimentos semelhantes em que Jesus ia orar nos montes. Essa experiência era tão forte que os outros evangelhos também a ecoaram.[10]

5.2 A metamorfose de Jesus

A descrição da transfiguração é o ponto chave da narrativa. O que permitiu Jesus conversar com Moisés e Elias é o fato dele ter se tornado algo diferente. Literalmente, o verbo *metamorphóomai* – que só aparece no NT no passivo – significa "ser transformado em algo além". Ou seja, naquele momento Jesus assumiu uma esfera superior à existência humana, uma esfera celeste, conforme o texto sugere. Caso típico da apocalíptica, a transformação é descrita em termos de brilhos e esplendor. Em geral são retratadas no cabelo (como o ancião de Dn 7,9), ou um rosto como de relâmpago (Dn 10,6; Ez 1,27s); em Marcos a descrição foca nas roupas, que ficam brilhantes e muito brancas.

Na apocalíptica, homens são alçados a um patamar celestial e talvez, para suportarem esse momento, são transformados. Em termos literários, essa tradição começou em *1 Enoque* e depois se desdobrou em outros textos, como *Testamento de Abraão, Ascensão de Isaías*, dentre outros. Em Enoque é citado Metraton (o protetor ou guardião), que seria como Enoque tornado em anjo, para intermediar os seres humanos diante de Deus (ORLOV, 2005). Na terminologia técnica, essa transformação é chamada de "angelomorfismo", ou seja, tornar-se como um anjo. Isso significa que a pessoa não se torna como a divindade, mas um ser celestial abaixo de Deus. Considerando que Marcos trabalha com uma baixa cristologia (enfoque no humano que se torna Filho de Deus), é bastante plausível que é assim que ele descreve Jesus. Não revela uma essência divina, nem antecipa a revelação da glória divina, mas mostra como Deus deu a Jesus uma condição especial naquele momento. Essa revelação especial de Jesus é entendida por Nogueira como "uma compreensão visionária muito antiga de Jesus" (NOGUEIRA, 2020, p. 71).

5.3 Moisés e Elias: revelações a Jesus, o Filho

O encontro de Jesus com Moisés e Elias tem várias camadas, como já indicado, mas numa perspectiva apocalíptica está mais próxima da ideia de que ele se encontra com duas figuras fundamentais para as comunidades judaicas. Na verdade, há uma relação direta entre a transformação e esse encontro. Nogueira concorda que é uma expressão angelical de Jesus, que o leva ao encontro com Moisés e Elias: "Talvez devido a esse caráter de revelador e, talvez, de viajante celestial ele seja apresentado de forma angelical, com seu corpo transformado, conversando cara a cara com Moisés e Elias, como sendo um deles" (NOGUEIRA, 2020, p. 71).

Aqui precisamos fazer um esclarecimento: para as comunidades apocalípticas, Moisés e Elias são mais que os personagens descritos no Antigo Testamento. Eles ganharam outras proporções, na medida em que foram ressignificados em novas tradições.

[10] Tanto Mt quanto Lc reproduziram a memória coletiva sobre a transfiguração, de modo bastante semelhante a Mc. Mateus, porém, foi mais longe: inseriu o primeiro bloco de discurso de seu evangelho com Jesus subindo a um monte, o que fez o bloco de Mt 5-7 ser conhecido como Sermão do Monte. Também levou a aparição final do ressuscitado para um monte (Mt 28,16), sugerindo que é no monte que Jesus se manifesta em sua glória, como acontecera na transfiguração.

Especialmente Moisés, que aparece na *Ascensão de Moisés,* e que ultrapassa seu papel de legislador em *3Esdras, Apocalipse de Baruc e 3Enoque*. Nestas obras, ele assume o papel de um revelador escatológico, que indicará o tempo do fim para Israel (NOGUEIRA, 2020). Segundo o *Zohar*[11] II, 159ª, apoiado na narrativa de *3Enoque*, Moisés conversou com Metraton, que lhe deu orientações e uma direção para seu ministério (ORLOV, 2005). Assim, ao encontrar com Moisés, Jesus seria introduzido a esse nível de revelação, provavelmente recebendo direção para seu ministério, tendo em vista o fim dos tempos escatológico.

Sobre a relação de Jesus com Elias, o contexto dos evangelhos evidencia que Elias parece prefigurar a chegada do Messias. Neste caso, Elias seria João Batista, conforme o diálogo com Jesus e seus discípulos logo após a transfiguração (Mc 9,9-13). Mas, Elias também é precursor de toda a profecia israelita, como aquele que denuncia a opressão dos poderosos, de acordo com o ciclo relatado em 1Rs 17–2Rs 2. Nogueira comenta o seguinte a respeito: "A presença de Elias no texto fica clara pelo fato de que ele foi, segundo a tradição bíblica, arrebatado por Deus em uma carruagem de fogo. Além do mais, sua figura é também presente na literatura apocalíptica, como autor de apocalipses" (NOGUEIRA, 2020, p. 71).

Na verdade, é importante falar das tradições populares que entendiam que a vinda do Senhor seria precedida por Elias e Enoque. Oscar Cullmann comenta a respeito: "É natural que se tenha crido precisamente no retorno de Elias ou de Enoque, já que segundo o Antigo Testamento eles não morreram, mas, antes, foram levados ao céu" (CULLMANN, 2004, p. 37). Cullmann aponta ainda que, tradições do Midrash permitem pensar que esses antecessores seriam Moisés e Elias, o que se aproxima do contexto em que o relato da transfiguração foi construído. Reforça, inclusive, que se trata de uma "passagem de bastão", ou transmissão de cargo, de Moisés e Elias, para Jesus, tendo em vista que após um tempo, apenas ele fica presente, ao que uma voz afirma da nuvem: "Esse é o meu Filho amado, a ele ouvi." O que, no batismo, tinha sido uma expressão de eleição, aqui se torna um mandato direcionado aos discípulos presentes e, por extensão, à toda a comunidade que recebeu essa mensagem.

5.4 Pedro e as tendas

Antes de encerrar nossa análise, é importante falar da reação dos discípulos, bem como da proposta de Pedro. Nogueira ressalta a reação de medo deles:

> No caso da transfiguração de Jesus, podemos compreender a reação de medo e de 'cair sobre o rosto', segundo Mt 17,6, como indício de participação, de envolvimento com a visão. Aqui, a reação de medo, após a revelação de que Jesus é o 'Filho Amado', deve ser entendida como a reação mais apropriada, que mostra que eles realmente estavam 'dentro' da cena (NOGUEIRA, 2020, p. 70).

A tentativa de Pedro em criar tendas para os três foi vista por Mazzarolo (2004) como uma tentativa do discípulo em criar um ambiente de festa judaico, lembrando a Páscoa e outras festas. Essa posição é seguida por Alonso Schökel (2011). Podemos pensar,

[11] O Zohar é uma literatura cabalística do judaísmo, que comenta a Torah de acordo com uma interpretação mística rabínica.

a partir do que estamos indicando em nossa interpretação, de que a atitude de Pedro seria uma tentativa de tornar esse momento uma festa própria, da revelação de Jesus como aquele que passaria a revelar a vontade de Deus ao mundo, confirmado por Moisés e Elias celestiais. A epifania de Jesus transformado, superando a epifania de Moisés no Sinai.

O medo dos discípulos, a tentativa de Pedro em eternizar aquele momento, tudo foi superado pela voz que anuncia da nuvem para que ouçam o Filho. Aqui há dois elementos essenciais para entender não só a narrativa, mas o imaginário de fé da comunidade cristã por trás do Evangelho de Marcos. Primeiro, eles devem ouvir: o verbo *akoúô,* que significa "ouvir", tem como pano de fundo o *šəma'*, que aparece em Dt 6,4, como sinal do povo ser obediente a Javé e seus propósitos (KONINGS, SILVANO, 2020). Segundo, devem ouvir o Filho amado. Afirmar Jesus como Filho de Deus poderia ser interpretado como uma condição de semideus, como na mitologia grega. Cullmann (2004) indica que essa filiação não é de um taumaturgo helenista, nem de um soberano político, como um messias. Mas está ligado ao fato de a filiação levá-lo à morte. Neste sentido a transfiguração prefigura o sofrimento e morte de Jesus, mais que sua ressurreição. Essa ideia é reforçada no próprio evangelho, na estrutura indicada por nós, em que Jesus fala do sofrimento do Filho do Homem (8,31; 9,31).

Sendo assim, a visão da transfiguração de Jesus tem como mensagem central que ele foi designado como anunciador da revelação de Deus em seu reino escatológico, mas ao mesmo tempo se coloca no caminho rumo ao sofrimento, como condição inerente à sua missão. A comunidade, consequentemente, deve obedecer aos seus mandamentos e manter sua mensagem. Evidentemente, a ressurreição dá a essa visão um valor ainda maior, mas isso não está em análise aqui. Importante é que, para a comunidade, seguir Jesus é obedecer a Javé, e assim possibilitar a plena revelação do reino escatológico.

6 Considerações finais: Marcos numa perspectiva apocalíptica. Qual valor disso na realidade latino-americana atual?

A partir de nossa reflexão, pudemos pensar Marcos 9,2-8 numa perspectiva própria, diferente daquela que em geral as teologias tradicionais trabalham. Academicamente, é um texto desprezado, seja porque se considera apenas uma prolepse (antecipação narrativa) da ressurreição, seja porque vê nele uma narrativa metafórica ou mitológica para falar da divindade de Jesus.

Na verdade, percebemos que o texto marcano reflete diversos elementos da apocalíptica judaica, como o faz em outros lugares do Evangelho. Não é possível afirmar que é uma criação exclusiva do evangelista, nem que Mateus e Lucas dependem exclusivamente dele para a composição de sua narrativa da transfiguração. Pensamos aqui que os evangelistas reproduziram literariamente uma rica tradição popular que reforçava a importância da missão de Jesus e sua pessoa, mesmo que sem dar uma clara definição de divindade. Lembremos que eles estavam em um contexto judaico, onde essa ideia seria vista como blasfêmia.

Neste sentido, podemos pensar alguns aspectos sobre a importância dessa narrativa para a teologia latino-americana e sua dolorosa realidade: enfrentar a realidade difícil, violenta e injusta que nos cerca pode ser amenizada por experiências de "ver Deus". Não como forma de alienação, mas empoderamento da comunidade. Lembramos aqui da palavra do anjo à comunidade de Esmirna: "Conheço as tuas tribulações, a tua pobreza (mas tu és rico)" (Ap 2,9). Na América Latina prezamos muito no esclarecimento político e

social das comunidades, tendo nas Escrituras a base para isso. Mas, muitas vezes, deixamos a dimensão da experiência religiosa de lado, pois a consideramos alienante e, por ser promovida por grupos fundamentalistas, até desnecessária. Mas é um equívoco agir assim. A religiosidade popular, em suas várias dimensões, necessita da experiência sensível, que envolva visão, audição, para além da compreensão intelectual. Entender essa dimensão, respeitá-la nas experiências comunitárias, e reforçar a partir da Bíblia a importância delas, devidamente contextualizadas, pode ajudar a criar uma comunidade carismática, porém consciente em todas as dimensões da vida.

Referências

BERGER, Klaus. *Psicologia histórica do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2011.

BÍBLIA de estudo de Genebra. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2016.

BÍBLIA do Peregrino. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

BONNEAU, Guy. *Profetismo e instituição no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.

BORNKAMM, Günther. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Editora Teológica, 2005.

BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2004.

BURKETT, Delbert. The Transfiguration of Jesus (Mark 9:2-8): Epiphany or Apotheosis? *Journal of Biblical Literature*. Atlanta, v. 138, n. 2, p. 413-432, 2019.

CARNEIRO, Marcelo. Nova abordagem para a crítica da redação: a memória social como referência em lugar da dependência textual. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 59, n. 2, p. 340-355, jul./dez. 2019.

COLLINS, John J. *A imaginação profética*. São Paulo: Paulus, 2010.

CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico:* a vida de um camponês judeu do mediterrâneo. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994.

CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Custom, 2004.

FLUSSER, David. *Jesus*. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 2002.

GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Teológica; Paulus, 2003.

GRANT, Frederick C. The Gospel according to St. Mark. Exegesis. *In:* BUTRICK, George A. (Ed.). *The Interpreter's Bible*. New York: Abingdon Press, 1951. v. 7.

JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Editora Teológica, 2004.

KONINGS, Johan; SILVANO, Zuleica Aparecida (Orgs.). *Deuteronômio:* "Escuta, Israel". São Paulo: Paulinas, 2020.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Exodus, 1997.

LOHFINK, Gerhard. *Jesus de Nazaré.* O que Ele queria? Quem Ele era? Petrópolis: Vozes, 2015.

MALINA, Bruce J.; ROHRBAUGH, Richard L. *Evangelhos Sinóticos*. Comentário à luz das ciências sociais. São Paulo: Paulus, 2017.

MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de Marcos:* estar ou não com Jesus. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2004.

MEIER, John P. *Um judeu marginal*: repensando o Jesus Histórico. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1998. v. 2.

NESTLE, Eberhard.; NESTLE, Erwin; ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI Carlo M.; METZER, Bruce M. (Eds). *Novum Testamentum graece.* 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft; Barueri; Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

NOGUEIRA, Paulo. *Religião e poder no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Paulus, 2020.

NOGUEIRA, Paulo (Org.). *Religião de Visionários:* apocalíptica e misticismo no cristianismo primitivo. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ORLOV, Andrei A. *The Enoch-Metraton Tradition*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005.

REIMER, Ivoni Richter. "Não vos atemorizeis!" (Mc 16,6). Visão geral e perspectivas interpretativas. *RIBLA: Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana,* São Bernardo do Campo, n. 64, p. 13-30, 2009.

RICHARD, Pablo. *Apocalipse. Reconstrução da esperança.* Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

SCHOLZ, Vilson. *Novo Testamento interlinear grego-português.* 4. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

SHORT, Stephen S. Marcos. *In:* BRUCE, Frederick Fyvie (Org.). *Comentário Bíblico NVI*. São Paulo: Editora Vida, 2008. p. 1602-1630.